

152°. ANIVERSÁRIO DA SSVP EM PORTUGAL

Foi a 31 de Outubro de 1859, que a Sociedade de S. Vicente de Paulo, em Portugal, deu os seus primeiros passos, com a fundação, em Lisboa, da Conferência de S. Luís, com esta designação por ter sido fundada na Igreja de S. Luís, Rei de França, sita na Baixa da Cidade.

Mais tarde, passou a sua sede para a Igreja de S. Domingos, bem perto do local onde foi fundada.

Aí, funcionou activamente, durante largos anos, até que o envelhecimento dos seus membros e a situação do local de actividade não propiciaram a sua continuidade.

Várias tentativas foram efectuadas, sem êxito, para a sua recuperação.

Continuo a esperar que a Conferência de S. Luís, como um marco histórico da SSVP em Portugal, venha retomar o seu lugar como entidade vicentina activa na Diocese de Lisboa. Aqui fica o desafio!

Permito-me recordar que o facto do dia 31 de Outubro, cair normalmente a um dia de semana, o Conselho Nacional de Portugal, há uns bons anos atrás, deliberou, por unanimidade, em Assembleia Plenária, que a comemoração tivesse lugar no Domingo mais próximo da data da fundação, razão pela qual no ano de 2011, se realize no dia 30 de Outubro.

Comemorar é recordar com solenidade este acontecimento.

Frederico Ozanam dizia que “é no presente onde se situam as nossas obrigações e no passado onde repousam as nossas recordações, que reside o futuro onde se dirigem as nossas esperanças”.

Tudo devemos fazer para que no meio de todas as transformações que vão ocorrendo, e tantas são nos tempos de crise que estamos a viver, pois cada dia que se aproxima trás consigo novos e mais graves problemas sociais, torna-se urgente que a presença vicentina se afirme fortemente perante a situação avassaladora, qual “tsunami” que avança impiedosamente sobre a humanidade.

No quotidiano constatamos a dificuldade existente num bom relacionamento entre os povos, as divergências que os afastam, quer no campo político, na vida económica, na luta pelos interesses próprios e pelo poder hegemónico, relegando para um plano secundário os países de mais débeis recursos.

Dizia o saudoso Papa João Paulo II, a propósito do Movimento Vicentino:

“É hora de uma nova fantasia da caridade que se manifeste não só na eficácia dos socorros prestados, mas sobretudo na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja mantido não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna. Quem vive em caridade não se pode alhear das desigualdades gritantes entre pessoas, classes sociais ou países.

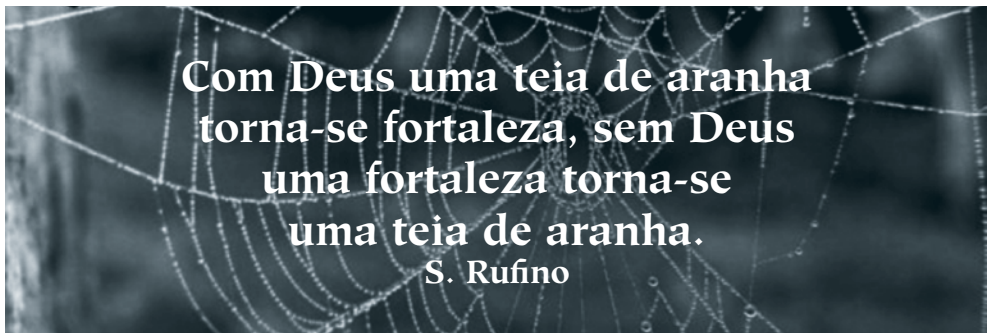
Pode não ter soluções para elas – isto compete aos Governos – mas deve acudir às urgências das novas formas de pobreza – o desespero, a falta de sentido na vida, a tentação da droga, a solidão na velhice e na doença, a marginalização social – sem deixar de acudir às antigas formas de pobreza que ainda existem nos nossos dias – a fome, o analfabetismo, a falta de cuidados médicos, a falta de habitação – tentando englobar a acção caritativa em novas formas de promoção da justiça”.

Estes ensinamentos devem ser, para todos, motivo de séria reflexão num momento em que se torna necessário mostrarmos com clareza e firmemente o que somos e para onde vamos.

Temos de estar abertos ao mundo que nos cerca, em espírito de actualização e colaboração, com uma “Caridade inventiva e zelosa”, atentos ao evoluir dos acontecimentos, dando-nos mais e melhor, abrindo os braços a todos, sempre com grande delicadeza de trato.

Mas o vicentino deve ser sempre um insatisfeito, pois aquilo que faz está muito aquém das reais necessidades do sofrimento à sua volta.

Temos de aprofundar os ensinamentos e progredir no sentido de congregar todos os esforços para melhor nos conhecermos, convivendo e vivendo os nossos ideais comuns, que tudo é um caminho de amor para Deus e para o próximo. 🕸



**Com Deus uma teia de aranha
torna-se fortaleza, sem Deus
uma fortaleza torna-se
uma teia de aranha.**

S. Rufino

DIA DA SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO EM PORTUGAL

Estamos hoje a comemorar os 152 anos da Sociedade de São Vicente de Paulo em Portugal.

A grave crise económica e financeira que há alguns anos assola o mundo e em particular os países de menores recursos, como Portugal, exige de nós, vicentinos, um maior empenho.

Os vicentinos na sua principal acção, a visita domiciliária, deparam-se cada vez mais com todas as formas de pobreza, solidão, desemprego, doença, drogas, alcoolismo etc. que, por vezes, se sentem impotentes para resolver.

Se não fosse a sensibilidade e o empenho da comunidade onde cada Conferência está inserida, não conseguiriam chegar ao número de necessitados a que chegam.

Continuamos a contar com a vossa solidariedade, pois só assim, podemos fazer face aos pedidos que são, cada vez mais, em maior número.

O nosso Patrono, São Vicente de Paulo, foi um arauto da caridade, amor e da solidariedade no seu tempo. Que nós sigamos os seus passos, como o fez o nosso Fundador, Beato Frederico Ozanam, num tem-



po também de crise, que se rodeou de vários jovens da sua comunidade e transformou as agruras da crise em Forças (amor) para estar presente junto dos **Pobres e Marginalizados**.

A vossa solidariedade é a Força das Conferências da comunidade paroquial.

Só todos unidos conseguiremos transmitir o Amor de Cristo ao Próximo.

Termino com uma frase de Cristo que é bem significativa:

“O QUE FIZERES AO MAIS PEQUENINO É A MIM QUE O FAZES”. 

Presidente Nacional da SSVp

*No Angelus Bento XVI propôs uma reflexão
sobre a figura do Rei Salomão*

QUANTOS GOVERNAM TÊM AINDA MAIS NECESSIDADE DA AJUDA DE DEUS



Estimados irmãos e irmãs

Na Liturgia de hoje, a Leitura do Antigo Testamento apresenta-nos a figura do rei Salomão, filho e sucessor de David. Apresenta-no-lo no início do seu reino, quando ainda era muito jovem. Salomão herdou uma tarefa deveras exigente, e a

responsabilidade que pesava sobre os seus ombros era grande para um jovem soberano. Em primeiro lugar, ele ofereceu a Deus um sacrifício solene – «mil holocaustos», diz a Bíblia. Então, o Senhor apareceu-lhe em visão durante a noite e prometeu conceder-lhe aquilo que ele teria pedido na oração. E aqui vê-se a grandeza do espírito de Salomão: ele não pede uma vida longa, nem riquezas e nem sequer a eliminação dos seus inimigos; ao contrário, diz ao Senhor: «Concedei, pois, ao vosso servo um coração sábio, capaz de julgar o vosso povo e discernir entre o bem e o mal» (1 Rs 3, 9). E o Senhor atendeu-o, de tal forma que Salomão se tornou célebre no mundo inteiro pela sua sabedoria e pelos seus juízos rectos.

Portanto, ele pediu a Deus que lhe concedesse «um coração sábio». O que significa esta expressão? Sabemos que na Bíblia o «coração» não indica apenas uma parte do corpo, mas sim o âmago da pessoa, a sede das suas intenções e dos seus juízos. Poderíamos dizer: a consciência. Então, «coração sábio» quer

dizer uma consciência que sabe ouvir, que é sensível à voz da verdade, e por isso é também capaz de discernir o bem do mal. No caso de Salomão, o pedido é motivado pela responsabilidade de guiar uma nação, Israel, o povo que Deus escolheu para manifestar ao mundo o seu desígnio de salvação. Portanto, o rei de Israel, deve procurar estar sempre em sintonia com Deus, à escuta da sua Palavra, para orientar o povo pelos caminhos do Senhor, pela vereda da justiça e da paz. No entanto, o exemplo de Salomão é válido para cada homem. Cada um de nós tem uma consciência para ser, num certo sentido, «rei», ou seja para exercer a grande dignidade humana de agir segundo a recta consciência, realizando o bem e evitando o mal. A consciência moral pressupõe a capacidade de ouvirmos a voz da verdade, de sermos pessoas dóceis às suas indicações. Naturalmente, as pessoas chamadas a desempenhar tarefas de governo têm uma responsabilidade ulterior, e portanto – como ensina Salomão – têm ainda mais necessidade da ajuda de Deus. Mas cada um tem a sua própria parte a desempenhar, na situação concreta em que se encontra. Uma mentalidade errada sugere que peçamos a Deus coisas ou condições de favor; na realidade, a verdadeira qualidade da nossa existência e da vida social depende da recta consciência de cada um, da capacidade de cada um e de todos de reconhecer o bem, separando-o do mal, de procurar pô-lo em prática pacientemente e,

deste modo, de contribuir para a justiça e a paz.

Por isso, peçamos o auxílio da Virgem Maria, Sede da Sabedoria. O seu «coração» é perfeitamente «dócil» à vontade do Senhor. Embora seja uma pessoa humilde e simples, Maria é uma rainha aos olhos de Deus, e nós veneramo-la como tal. A Santa Virgem ajude-nos também a nós a formarmos, com a graça de Deus, uma consciência sempre aberta à verdade e sensível à justiça, para servir o Reino de Deus.

No final do Angelus, o Santo Padre saudou os vários grupos presentes, dirigindo também algumas palavras aos fiéis reunidos em Les Combes.

Saúdo com particular afecto os fiéis reunidos em Les Combes, que participaram na Santa Missa presidida pelo Cardeal Tarcisio Bertone, meu Secretário de Estado, presente não obstante o luto familiar que o atingiu. Saúdo e agradeço ao Bispo de Aosta, ao Reitor-Mor dos Salesianos, assim como às Autoridades civis e militares da Região, e aos benfeitores que contribuíram para renovar a residência aconchegante. Recordo com carinho particular o tempo transcorrido naquele lugar encantador, plasmado pelo amor de Deus Criador e santificado pela presença do Beato João Paulo II. Aos adolescentes e aos jovens da paróquia do Beato Pier Giorgio Frassati, de Turim, e a todos os veraneantes, desejo um Verão tranquilo. ☺

Benedictus PP XVI



BEATO PEDRO JORGE FRASSATI (1901 – 1925)

Num *Angelus*, que publicamos neste nosso Boletim, Bento XVI propôs uma reflexão sobre a figura do rei Salomão.

No final do *Angelus* saudou os vários grupos presentes, terminando por dizer que “aos adolescentes e aos jovens da paróquia do Beato Pier Giorgio Frassati, de Turim, e a todos os veraneantes, desejo um verão tranquilo”.

Esta referência a Pedro Jorge Frassati, vicentino que foi de alma e coração, deu-me vontade de transcrever a sua biografia que, aliás, consta do livro publicado pelo Conselho Nacional de Portugal em 1997, intitulado “MODELOS VICENTINOS”.

Pedro Jorge Frassati

Mais uma vida bem curta, mas em linha recta para Deus, e incomparável como apaixonante modelo para rapazes, aos quais aconselhamos vivamente a leitura da sua bela biografia ⁽¹⁾, da qual vamos dar aqui ligeiríssimo apontamento.

Nascido em Turim em 1901, filho do Director do jornal «La Stampa» que também foi embaixador de Roma em Berlim, e duma mãe admirável, que nele soube incutir o incondicional culto da verdade e formar-lhe a vontade numa educação viril, de



montanhês de Bielle – nem doces, nem mimos; vinho só em dias de festa – realizou o mais completo tipo de autêntica virilidade, aquela que o mundo é incapaz de conceber: a virilidade que domina as paixões da adolescência e sabe sujeitar inteiramente a vida a uma vontade forte. Não se deixou viver; venceu a vida.

Não havia nele sombra de respeito humano, assim como era incapaz de trair a palavra dada, ou de faltar à verdade no mais insignificante ponto. Duma alegria «que nunca foi vista ofuscar-se», cheio de bom humor e de exuberância, gozou da máxima popularidade entre os companheiros, aos quais arrastava com o seu vozeirão estentórico. Quantos deles não foram influenciados pela

⁽¹⁾ Pedro Jorge Frassati, por E. Vasconcelos, S.J., da Livraria Apostolado da Imprensa, Porto

lição do seu comportamento de cristão íntegro! Era dotado, diz um seu íntimo, duma «caridade tão vivida e sentida, que o tornava o elemento de união, a pessoa por todos amada, sem excepção. E valendo-se deste privilégio para aliciar todos ao bem, tinha mais a rara habilidade de não o fazer notar».

Conseguia assim fazer notáveis conquistas, precisamente porque dele e apesar do seu desassombro, se pode dizer que o seu grande mérito consistiu *em realizar todo o oposto do tipo clássico do beato*.

Outra razão do seu prestígio entre rapazes residiu na superioridade da sua adaptação a todos os desportos, nos quais facilmente triunfou, fosse a bola, a natação, o remo, a bicicleta, a equitação, o automobilismo e, mais que tudo, o alpinismo, que foi a sua grande paixão e no qual quis iniciar tantos companheiros de estudos, aos quais solícitamente amparava nas suas primeiras excursões às montanhas.

Que alegria e que encanto não sabia ele imprimir-lhes! Como auxiliava e animava os seus colegas fatigados! E também como vigiava que não deixassem de cumprir os seus deveres religiosos!

Foi também sempre delicadíssimo e atencioso ao máximo com os humildes, aos quais igualmente cativava.

Enquanto os outros rapazes discutiam complicados sistemas filosóficos, Pedro Jorge, seguro na simplicidade do seu pensar, não inventava crises nem dores; *sabia donde vinha e para onde ia*.

Mas é preciso que percorramos, embora de fugida, a sua actividade vicentina, que tanto o absorveu, porque, conforme afirmava, e fazia mais bem aos seus amigos vicentinos do que aos pobres. A um tipógrafo amigo, que se lhe queixava do desânimo de certos operários modernos, angustiados por grandes misérias morais, observava-lhe: «Olha, para se curarem, seria bom que fizessem a visita aos pobres. Se esses que assim se degradam tanto, vissem com os próprios olhos a miséria material, como nós a vemos todas as semanas, experimentaríamos desgosto da sua miséria moral, fruto da baixaza e vulgaridade a que não raro fazem descer o seu procedimento».

Foi aos 17 anos que Pedro Jorge entrou para a Conferência dos Padres Jesuítas no Instituto Social e dali passou, aos 21, para a do Círculo Universitário. Generoso nas dádivas, não regateava tão pouco o seu tempo, prestando-se a substituir os vicentinos impedidos: assim, visitava correntemente quatro e cinco famílias e assim também era dos mais assíduos à sessão da Conferência, de que foi Vice-Presidente e onde muitas vezes substituíra o Secretário.

Era não só benfeitor, mas o amigo e irmão dos pobres que visitava, os quais acompanharam o seu funeral com verdadeira veneração, tocando o esquife e fazendo o sinal da cruz.

Fez entre os seus companheiros da Universidade a mais intensa campanha para propaganda da obra das Conferências, à qual deveu muito

da sua formação e que não sacrificava, mesmo nas épocas de mais violento trabalho escolar: «morrer a tudo excepto à Conferência de S. Vicente de Paulo», dizia ele! E era tão grande a sua dedicação pelos pobres, que evitava sair de Turim para a aldeia no Verão, a fim de não faltarem de todo os visitantes! Era também ele o único vicentino que não se preocupava com o estado da caixa: queria sempre atender a todas as misérias.

São inúmeros e edificantes os traços que até nós chegaram da sua zelosíssima vida vicentina, apesar do recato e modéstia da sua actuação. Lembremos apenas a narrativa simples, por ele feita, sobre a mudança de casa dum pobre: fora preciso procurar outra casa, esta apareceu e a mudança fez-se... Simplesmente faltou dizer como se fez: foi ele próprio, empurrando um carro de mão através das ruas de Turim, onde tão conhecido era. No carrinho, os desmantelados trastes, e pela mão, os cinco andrajosos filhinhos do pobre!


Já agonizante, na véspera da morte, a sessão da Conferência decorria sob um peso de tristeza; o Presidente perguntou pelos pobres de Pedro Jorge. Um vicentino apresentou então um bilhete do próprio punho deste, em que eram dadas as indicações precisas. A letra era quase ilegível, pois o corpo já estava invadido pela paralisia que iria acabar de o vitimar dentro de horas; mas atestava bem como o seu pensamento acompanhava a Conferência e os pobres até à morte. Esse bilhete, conservado como relíquia, ficou

servindo de marcador no livro das actas da Conferência.

A doença atacara subitamente aquele organismo de ferro: fora em 30 de Junho de 1925, ao regressar do rio, onde fora remar, que sentira uma dor nos rins. Pedro Jorge agradeceu, dizendo estar a precisar de se retemperar com o ar das montanhas; tinha, de facto, marcada uma ascensão a dois picos dos Alpes, para o dia 4 de Julho ⁽²⁾. Nesse mesmo dia fazia maior ascensão: subia ao Céu, onde piedosamente cremos que está a tomar parte na Conferência de que fala Ozanam, após tão bela vida e tão resignada agonia, com aceitação plenamente consciente do sofrimento e sacrifício da vida.

«Pedro Jorge, como a tua alma está bela»! «Jesus quer-te tanto!» – dizia-lhe o sacerdote que acabava de lhe ministrar os últimos sacramentos, e acrescentava: «Tinha um ar celeste».

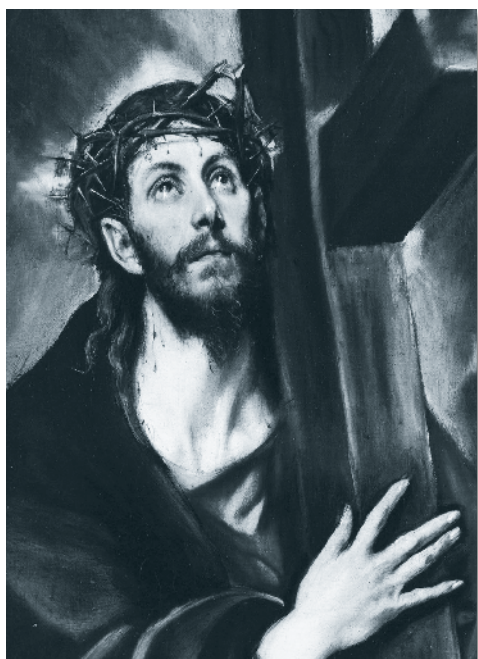
Se foi grande o bem que dele irradiou em vida, maior se tornou ainda a sua influência nos meios juvenis para além da morte: foi preciso que o grão morresse para germinar.

«Pedro Jorge teria feito assim», pensam ainda hoje os rapazes, contagiados pelo seu luminoso exemplo. E assim, como diz o seu biógrafo, eterno no Céu, imortal também na terra, com a graça do seu auxílio e da sua intercessão. 

⁽²⁾ Dias depois os picos foram escalados por amigos seus, seguindo o caminho traçado e, em homenagem a Pedro Jorge, foram baptizados com o seu nome.

“NÃO TE DIGO QUE PERDOES ATÉ SETE VEZES, MAS ATÉ SETENTA VEZES SETE” (MT 18,22)

Porquê perdoar?



Antes de se manifestar entre pessoas onde aconteceu a ofensa, o perdão reside como reserva de bem no coração de cada homem. Reside como opção humana de resistência ao instinto natural da vingança. O perdão está em cada um de nós como correspondência àquela afirmação que gostamos de fazer: “eu não sou vingativo”.

O nosso modelo e fonte é Jesus que pediu ao Pai o perdão para quem lhe

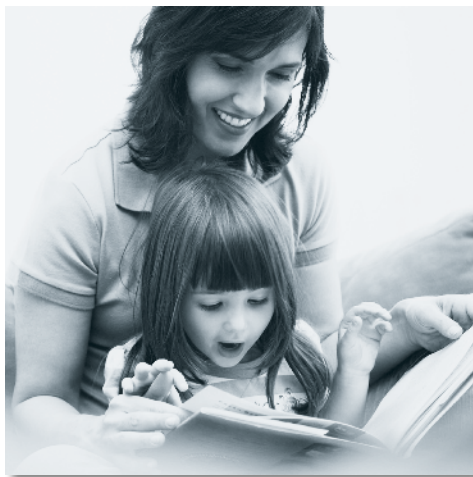
provocou a morte. Perdoar é superar o instinto da natureza humana, é dar lugar à esperança, é não ficar preso à força do mal que inviabiliza o amor e a vida.

Perdoar é uma atitude livre de alguém que humildemente deseja a perfeição, deseja ser cristão, deseja ser imagem e semelhança de Deus. Perdoar é dar lugar à reconciliação e à paz. Perdoar não é aprovar uma ofensa, é estar disposto a reconhecer a fragilidade humana; e embora para muitos pareça uma atitude de fraqueza, o perdão é uma grande afirmação de humanismo e, também por isso, é uma grande afirmação cristã.

A experiência da Igreja é também esta experiência do perdão; só assim, no reconhecimento do perdão de Deus para todos, nos sentimos renovados e capazes de nos rever à luz de um Amor maior que as nossas ofensas. Tornando presente o Amor do Pai, Cristo perdoou e, com a Sua entrega, derramou o Espírito. Rica e fundamental experiência de Igreja é esta do Amor-Perdão, que manifesta Cristo Vivo para nós. ☕

*In “Boletim Semanal da Paróquia
de Benfica – Lisboa”*

CATEQUESE DOMÉSTICA: COMO É SER PAI OU MÃE HOJE EM DIA?



Ser pai ou mãe é a tarefa mais nobre e empolgante do mundo: é gerar uma vida, é criar um ser; é moldá-lo de acordo com as nossas convicções e costumes, é ainda prolongar o nosso próprio ser.

No entanto, ser hoje pai ou mãe pode ser verdadeiramente cansativo ou pode gerar stress e algum desespero, quando há que lidar com as teimosias e conflitos dos filhos: de manhã custa muito o acordar e levantar, depois segue-se a birra habitual porque não querem vestir a roupa que se destinou de véspera e no final do dia (quando o cansaço dos pais mais se faz sentir após um dia de trabalho) recusam-se a tomar o duche, ou não querem sair da casa de banho e atrasam ainda mais o jantar, conseguindo estabelecer uma “guerra” que se prolonga até à hora de deitar.


Ser pai e mãe hoje é um acto de heroísmo quando se consegue, com

energia e firmeza, transformar estes momentos de conflitos e afirmação em momentos felizes e sem birras.

Muitas famílias têm feito um caminho que reconhecem ser de uma aprendizagem contínua, mas na confiança do Amor de Deus por nós. Esse amor de tolerância é que se aprende numa perseverante *Catequese doméstica* sem a qual não há a transmissão da fé, não há a passagem dos valores em que acreditamos e nos quais queremos viver e construir uma verdadeira família.

O Sector da Pastoral Familiar tem por missão apontar caminhos e acompanhar todos aqueles que se dedicam à família, com uma especial preocupação: iluminar a realidade humana com a doutrina da Igreja. É o que se pretende com esta coluna que vos oferecemos a partir de agora.

Afinal, saber gerir o stress que é causado pela correria do dia-a-dia, equilibrar a vida profissional com a disponibilidade para a vida familiar, criar um clima de amor, mas com regras e disciplina que sejam vividas e estimuladas por todos os seus membros, é um segredo que se aprende no perder e no ganhar de uma relação que se constrói cada dia, com vista a criar um ambiente alegre e tranquilo em família.

E então, sim! Poderemos amanhã olhar para trás e dizer de consciência tranquila: “dei o meu melhor, não me demiti de ser pai/mãe e preparei os meus filhos para a vida, no caminho de amor que Jesus nos aponta”. 

In “Voz da Verdade”

ESCUTAR A PALAVRA... OU APENAS OUVIR?

É sempre com assombro, que observo a extraordinária habilidade com que os empregados de bar escutam apenas quem lhes interessa...

Experimentemos sentar-nos na esplanada, ou no interior com a casa cheia. Quando o empregado passa para servir uma das mesas vizinhas, bem podemos chamá-lo, pedir-lhe isto ou aquilo: ele passa imperturbável, como que a dizer com gesto altivo: «Não vêm que não posso atender a todos ao mesmo tempo?» E di-lo sem uma palavra, sem contrair um músculo, muito sereno. Uma espécie de surdez selectiva que lhe permite ouvir apenas o que deseja ouvir, trabalhar com ordem e não enlouquecer.

A surdez parece ser o símbolo perfeito do mal comum de que todos sofremos actualmente. Ouvi certa vez contar que, numa reunião de alemães, um fala e os outros escutam; numa de ingleses, todos escutam e ninguém fala; e numa de portugueses, todos falam e ninguém escuta. Será verdade?

João Paulo II, pelo menos, quando andou por aqui, apercebeu-se de que aplaudíamos muito os seus discursos, mas não os escutávamos. «Os portugueses, disse, são

muito prontos para falar, mas não para escutar.» E sorria.

A observação foi dele, e estava a dizer uma verdade muito grande. E penso que nunca chegou a ver, nem sequer na televisão, uma sessão do nosso Parlamento, na qual um fala e os outros interrompem, ou bocejam, lêem o jornal, tomam um café ou estão a telefonar... Se é que não saem para o corredor dos passos perdidos. Mas, admitamos que os portugueses não escutam.



A boa participação na Liturgia da Palavra Dominical começa em casa com a leitura, estudo e reflexão orante dos textos bíblicos indicados no Leccionário ou numa agenda litúrgica. É como estudar a lição antes da aula...

Numa Eucaristia da última Quaresma, com muitas crianças, jovens e

adultos – umas 700 pessoas – preparei a homilia desta forma: «Agora vou proclamar a Palavra de Deus no seu Evangelho. Nele, vamos escutar as Palavras mais importantes que ouviremos neste Domingo. Depois, vamos fazer um pouco de silêncio, e a seguir, vocês vão lembrar-nos algumas dessas palavras.»

Bem me esforcei para que alguém repetisse uma palavra que tivesse escutado. Voltei-me, primeiro, para as crianças e depois para os adultos. Sucesso praticamente nulo! Fiz para mim esta reflexão: como é possível que os nossos cristãos se passem de igreja em igreja à procura das melhores homilias, e não escutem a Palavra de Deus? Não será esta mais importante que a homilia?

Daí ter dito que não escutamos. Mas há paradoxos que nos devem arrepiar. O português que não permite que alguém se intrometa nas suas conversas, transforma-se num puro ruminante, num ouvinte passivo diante do “boneco” da televisão, que lhe serve a papa de palavras feitas sem ninguém o poder interromper.

Falo de escutar e não de um puro ouvir material. Para ouvir basta não ser surdo. Para escutar são precisas muitas outras coisas: ter o espírito desperto; abri-lo para receber o que, através das palavras, nele deve entrar; pôr-se no mesmo cumprimento de onda de quem conver-

sa connosco; esquecermo-nos, por uns momentos de nós mesmos e dos nossos próprios pensamentos, para nos centrarmos na pessoa que nos fala.

É toda uma arte, quase um apaixonado exercício de caridade. Por isso não escutamos. Se parássemos um pouco e pensássemos outro pouco, logo perceberíamos que até nos momentos em que o outro fala e nós parecemos escutar, de facto não estamos a escutá-lo: já estamos a preparar a frase com que havemos de responder quando ele terminar.

É preciso pouco egoísmo e muita caridade, para escutar bem. É necessário partir da suposição de que aquilo que vamos escutar é mais importante e interessante do que aquilo que podíamos dizer, e reconhecer que alguém tem coisas a ensinar-nos. Ou, pelo menos, assumir por uns momentos a vocação de servidor, ou, no limite, de cesto de papéis ou do lixo ...

Ouvir é barato, escutar é muito caro. Para ouvir bastam os tímpanos; para escutar é preciso ter coração.

Terminando, acrescento ainda: a surdez dos que só ouvem o que lhes interessa é a grande responsável por tantas solidões, de tantos que só pedem a esmola de um pouco de atenção. 🌊


In “Bíblica”

RECOMEÇAR

Todos sabemos que os diferentes anos começam no dia 1 de Janeiro. Mas todos experimentamos que isso não é mais que uma mera ficção. De facto, pelo menos em Portugal e na grande maioria dos países europeus, o ano tem o seu início em Setembro, depois das férias mais ou menos gozadas. Tem início quando as aulas começam; tem início quando, com novo vigor, voltamos ao trabalho. As comunidades paroquiais também seguem este ritmo. É o momento do regresso – é o reinício dos grupos de catequese, de crianças, de jovens ou de adultos; é o retomar de muitas das actividades dos grupos de partilha de vida e dos que se dispõem ao voluntariado no serviço dos irmãos.

É certo que a vida cristã, essa não tem férias, porque o amor de Deus por todos e cada um também não tem férias, e porque, do mesmo modo, a nossa relação com Deus não se compadece com interrupções ou adiamentos... Mas é igualmente certo que, ao iniciar-se Setembro já estamos com alguma nostalgia de partilhar a nossa vida de fé com aqueles que fazem parte das nossas comunidades e com quem, de uma forma ou de outra, aprendemos a crescer no conhecimento do Senhor. Retomar a vida, depois de um tempo de férias, é sempre bom e entusiasmante. Dá-nos um novo vigor,

pede-nos mais generosidade e disponibilidade para Deus e para os irmãos. Na verdade, sabemos por experiência própria que aqueles que dão, esses podem sempre dar e receber mais, ao passo que aqueles outros que permanecem fechados em si mesmos, esses nunca terão a felicidade de perceber o quanto é bom viver numa comunidade onde, com todas as diferenças e apesar delas, nos encontramos unidos pelo mesmo Senhor Jesus, que se nos dá a conhecer e nos convida a uma cada vez maior intimidade consigo – Aquele mesmo Jesus que, hoje como no início da vida da Igreja, envia os seus discípulos pelo mundo inteiro a anunciar o Evangelho. Viver em comunidade a renovada esperança de um retomar as actividades já conhecidas ou de iniciar novas tarefas: esta é uma realidade que nos faz também perceber, por um pouco que seja, a esperança, sempre nova, que o próprio Deus não cessa de depositar em cada um e em cada comunidade.

Num tempo em que a esperança parece estar longe dos nossos corações, o retomar da vida a que o mês de Setembro convida, pode talvez ajudar-nos a perceber que não é aqui, neste nosso velho mundo, que reside, em última análise, a razão da nossa esperança. 

In “Voz da Verdade”

PAPA JOÃO XXI

NOS 735 ANOS DA SUA ELEIÇÃO PAPAL



Falar do Papa João XXI, que fora, antes da eleição ao Papado, Pedro Hispano ou Pedro Julião, nascido e criado em Lisboa, não é apenas dar a conhecer um Português que ocupou a Cadeira de Pedro no século XIII. Na verdade, trata-se também e principalmente, de uma das figuras mais notáveis do seu tempo, como médico, como filósofo, como teólogo, como mestre universitário.

Foi muito curto o seu papado – apenas oito meses e cinco dias – interrompido por um acidente dificilmente explicável, um desabamento no palácio papal, em Viterbo, onde tinha sido eleito. Mas estes poucos meses mostraram um Papa que, embora acusado por alguns de pou-


co sensato, pela liberdade com que recebia gente de qualquer classe social, foi enérgico, decidido, disciplinador, unificador e pacificador, isto é, o Papa de que a Igreja necessitava nos momentos difíceis que atravessava. Fala-se bastante do homem de ciência que foi eleito Papa, e que o tornou conhecido como «Clericus Universalis» e «Magnus in Sciencia». A sua eleição foi uma surpresa, e terá sido consequência da guerra de influências entre duas famílias poderosas, os Orsini e os Collona, uma apoiada pelo partido francês, outra pelo partido ítalo-germânico. Pedro Hispano não era italiano e não pertencia a qualquer partido. Possuía, sim, uma cultura e um prestígio científico excepcionais, assim como a fama de homem recto, que acabaram por se sobrepor às guerrilhas políticas e à pressão da população de Viterbo, que exigiu a eleição papal sem mais delongas, num conclave que poderia ter sido agitadíssimo, à semelhança do vergonhoso conclave anterior.

Mas, além de homem culto, que dominava a ciência médica, a história natural, a filosofia, a lógica e a psicologia, que lia directamente no grego ou no árabe as obras mais representativas dos autores antigos, veio a revelar-se, como Papa, um verdadeiro disciplinador das

desordens internas na Igreja, um pacificador enérgico das disputas e ambições entre os príncipes e reis cristãos, um unificador da Igreja, conseguindo o regresso à unidade da Igreja do Oriente, e um verdadeiro precursor das relações ecuménicas. Vale a pena deixar um pequeno apontamento sobre este trabalho verdadeiramente ciclópico, realizado em tão curto espaço de tempo. Pode-se dizer que iniciou o seu pontificado “por dentro”, castigando severamente os autores dos distúrbios durante os conclaves em que participou, confirmando também a suspensão das Constituições para as eleições pontifícias, efectuada pelo seu antecessor, Adriano V, com a intenção de as libertar de todas as influências políticas que habitualmente as inquinavam.

No plano externo, obteve a reconciliação entre as Casas de Anjou e de Habsburgo, conseguindo a paz na península italiana. Sabendo que estava prestes a estalar a guerra entre Afonso X de Castela e Filipe III de França, enviou imediatamente dois Legados, dotados de todos os poderes canónicos, incluindo a excomunhão, no sentido de a evitar. Graças ainda à sua acção diplomática, persistente e inteligente, junto do imperador de Bizâncio Miguel Paleólogo, obter a unificação das duas Igrejas, sob a autoridade do Papa, sucessor de Pedro. A sua obra escrita, muito extensa, tem sido objecto de estudos repetidos. E se muitas delas já não oferecem dúvidas quanto à sua

autoria como as duas obras maiores, *Thesaurus Pauperum* e *Summa Logicales*, outras existem que provavelmente foram acrescentadas por diversos autores, para obterem o prestígio do prodigioso Pedro Hispano. O *Thesaurus Pauperum* foi a primeira obra médica escrita a pensar nos pobres; a *Summa Logicales*, tratado de Lógica, foi o tratado adoptado durante alguns séculos por muitas universidades, e redescoberto no século XX. Desconhece-se a data do seu nascimento; os estudos que têm sido realizados apontam, porém, para um ano situado entre 1205 e 1210. Em 1276, quando trabalhava no seu gabinete no palácio papal (diz-se que estaria a escrever as novas Constituições para as eleições papais, muito duras e disciplinadoras), o desabamento do tecto atingiu-o gravemente, vindo a morrer poucos dias depois.

Existe uma única obra publicada em língua portuguesa, com estudos aprofundados sobre o Homem e a sua obra, realizados por especialistas de prestígio. Cada estudo é precedido por um extenso resumo escrito pelo coordenador da obra, e que facilita a sua leitura e compreensão. Trata-se do livro «*Pedro Hispano Portugalense*», coordenado pelo Prof. Doutor Boléo-Tomé, e editado, pela revista «Acção Médica». O livro constituiu uma homenagem ao médico, cientista e Papa, homenagem de que se fez eco a Sociedade de Geografia de Lisboa. 

In “Voz da Verdade”

XXVII ENCONTRO DA PASTORAL SOCIAL EM FÁTIMA

13, 14 e 15 de Setembro de 2011

Quero deixar aqui um apontamento sobre a riqueza deste Encontro, pois estes três dias foram dias de intensa formação e troca de experiências.

Formação, porque as intervenções dos diversos convidados foram de uma profundidade que nos deixaram matéria, não só para reflectir nos tempos difíceis que vivemos, mas também porque foram de intensa catequese.

Todas as intervenções foram riquíssimas, mas permito-me aqui destacar três.

No segundo dia, a conferência do Cardeal de Milão, D. Dionigi Tettamanzi com o título “Não há futuro sem solidariedade”, uma reflexão teológico-moral. Desenvolveu o tema tendo como introdução “Natal, a realização do – sonho de Deus – solidário em tudo com a humanidade”. A Conferência desenvolveu-se sempre sobre a Solidariedade, tendo como base uma experiência da Diocese de Milão. Concluiu a sua intervenção dizendo que “não há realmente futuro, nem pessoal nem social, nem europeu nem mundial, se não for acompanhado, orientado apoiado pela solidariedade”.

O texto está, na íntegra, no site do Secretariado da Pastoral Social e recomendo vivamente a sua leitura, para nos servir de instrumento de trabalho e reflexão.

No último dia a conferência conclusiva do Bispo D. Manuel Linda, da Comissão Episcopal da Pastoral Social, sobre o tema “De braços levantados para Deus”, Desenvolvimento e Vida Espiritual.

Esta conferência faz-nos reflectir sobre a nossa vida de cristãos e o profundo amor de Deus.

Encerrou-se o Encontro com a Eucaristia, presidida por D. Carlos Azevedo que proferiu uma homilia sobre o tema “Aprendeu a obediência no sofrimento... e tornou-se causa de salvação eterna”. Nesta homilia fala-nos de Jesus sofridor que assumiu o sofrimento como parte da condição humana, com seus limites e fraquezas. Alerta-nos ainda para a “Paixão de Maria, Senhora das Dores. Maria nunca foi tão mãe como ao pé da cruz”.

Também estes textos estão disponíveis no site do SNPS (secretariado nps@gmail.com) e vale a pena lê-los para nos servirem de meditação e reflexão.



Quanto à troca de experiências, elas também foram muito ricas porque estiveram presentes diversas Instituições que nos deixaram os seus testemunhos de experiências vividas.

Entre essas Instituições estava a Sociedade de São Vicente de Paulo que, por intermédio do vicentino Manuel Carvas Guedes, falou das Conferências e transmitiu a sua

forma de actuação e relatou vários casos.

Estiveram presentes nos diversos dias um número razoável de vicentinos, o que nos alegra.

Temos que nos sensibilizar cada vez mais para estarmos presentes nestas acções, pois elas servem para nos valorizarmos e, consequentemente, valorizar a SSVP. 🌊

O segredo é não correr atrás das borboletas... É cuidar do jardim para que elas venham até você.

Mário Quintana

XXVII ENCONTRO DA PASTORAL SOCIAL

Fátima, 15 de Setembro de 2011

“Aprendeu a obediência no sofrimento... e tornou-se causa de salvação eterna”.

Cristo continua a clamar, a gritar nas vozes dos atingidos pela crise actual. Os gritos de Jesus, os clamores e lágrimas, no arco da sua vida e no momento da paixão unem-se às angústias e sofrimentos da humanidade. No altar da cruz, Cristo, segundo o pregador aos hebreus, oferece, qual sumo-sacerdote, os ferimentos da condição humana com preces amargas, dirigidas ao Deus da salvação.

Jesus sofredor desenvolve um papel pastoral de sacerdote, superando plenamente o sacerdócio do passado. A sua tarefa plenamente humana não se torcia no desespero, não perdia a confiança. Assumiu o sofrimento como parte da condição humana, com seus limites e fraquezas. Mas a dor ensinou-lhe a obediência, a fragilidade aprofundou o seu amor por Deus seu Pai. Imerso na lama da angústia humana, não esqueceu ser Filho. Por isso Cristo não apenas é compassivo por quem perdeu o sentido verdadeiro da filiação divina, mas pode tomá-lo pela mão e

trazê-lo a casa. Quer-nos seus seguidores neste processo.

Por sua vez, a paixão de Maria, Senhora das Dores, é compaixão com o seu Filho. Maria associa-se com coração materno à sua entrega, consentindo com amor viver o sofrimento da vida e da morte na cruz. Maria nunca foi tão mãe como ao pé da cruz. A sua maternidade estende-se a todos nós, membros do Corpo de Cristo. Em Maria está também representada a humanidade, como figura da Igreja, estão as dores dos seus filhos.

As sete espadas de dor, que na tradição devocional atravessaram o coração da mãe despojada, atravessam na actualidade tantos irmãos e irmãs. Permiti, caríssimos irmãos e irmãs, aplicar ao presente estas situações dolorosas.

1. A profecia de Simeão tinha aberto e preparado o seu espírito para a dor. Hoje uma primeira dor consiste em prever as dificuldades do futuro e preparar-se para o que vem.

2. Maria enfrenta a fuga para o Egipto, separando-se dos familiares em dura experiência das preocupações maternas, na defesa da

vida das criaturas pequeninas. Uma segunda espada sentimo-la na defesa das condições de vida digna dos mais frágeis da sociedade.

3. Maria encara o atrevimento do adolescente Jesus que lhe responde com palavras de autonomia e obediência a valores diferentes, causadoras de custosa separação. Uma terceira travessia conduz a promover a independência e autonomia das pessoas que socorremos.

4. O encontro de Jesus e Maria, na subida da dor, cruza olhos ensanguentados com olhos solidários e alentam-se ambos no caminho da cruz. Sustentada pela paixão daquele olhar vai até ao pé da cruz. Uma quarta dor obriga-nos a enfrentar os problemas das pessoas e acompanhá-las com coragem.

5. A responsabilidade da mãe de Jesus assumida ao pé da cruz podemos hoje traduzi-la na responsabilidade maternal das comunidades cuidarem dos filhos desamparados.

6. Os momentos atribulados das pestes medievais incentivaram a devoção à Pietá e à Senhora das Dores. Muitas mães reviam-se na figura de Maria com o filho morto nos braços. Hoje, muitos assumem na Igreja a missão maternal de ser regaço acolhedor de tantas aflições e carências, de tanta fragilidade e incerteza de futuro.



7. Um sétimo momento refere a tradição e também tem plena actualidade. Ver fechar a pedra do túmulo, com coração a sangrar, e não perder a esperança na força do amor.

Sustentados e associados pelo sacrifício redentor de Cristo, também cada um e cada uma de nós nos dispomos, no altar da vida, a ser perseguidos por amar a justiça e a verdade, a ser incompreendidos por obedecermos às necessidades dos que nos são próximos, a resistir com serena esperança.

Só um grande amor pode passar por uma grande dor. Maria incita-nos à compaixão concreta, criativa, abrangente, situada.


Com Maria, podemos aprender a sofrer na carne e a manter o gosto de dar a vida, podemos ser profundamente compassivos, unidos aos irmãos mais atribulados, quais companheiros da sua construção de uma nova vida.

No final de um encontro de pastoral social, todos os que trabalham unidos à paixão de Cristo, são chamados, como Maria, a acolher os sinais de contradição. Graças ao nosso trabalho pastoral muitos irmãos encontram caminhos de salvação, fazem a experiência de carregar a cruz como abraço de salvação das suas vidas.

As situações muito focalizadas e localizadas de sofrimento retiram-nos de uma visão simplista da vida, conduzem-nos a uma abertura aos outros. Quando queremos muito a alguém não desejamos vê-lo sofrer, custa-nos suportar, queríamos sentir nós as suas dores. As mães, não podendo fazer muito, sabem estar junto quando o filho sofre: por doença num hospital, por maldade numa prisão, por fuga no vício, pelo desânimo de não conseguir emprego, pelo desnorte do sem sentido, pelo afecto devido à separação dos pais, etc. etc. Nestas pequenas mortes exige-se uma presença de coragem que abre saídas de salvação, vitória sobre a cruz.

Entregamos a Deus a amargura do momento, tendo a *Mater Dolorosa* como companhia maternal, não para mudar Deus e o fazer voltar para nós. Mas para nos convertermos nós à fraternidade que Deus nos pede. A Senhora das Dores inspira-nos o compromisso de estar ao lado das infinitas cruzes das pessoas para dar alento, oferecer presença libertadora, participar em cooperação redentora.

Maria está connosco a recriar formas concretas de caridade, a afirmar ao Pai: – até ao fim dos tempos o Corpo de Cristo terá gente capaz de refazer os seus gestos, de proclamar as suas palavras, de O tornar presente. Os braços de Maria serão sempre orvalho da manhã para sonhos desfeitos, para mortes prematuras, que usurpam a esperança de uma renovação permanente da história. Se sepultarmos o nosso pecado, o egoísmo individualista, abriremos a vida ao poder renovador da ressurreição.

Este Encontro recrie a nossa paixão por uma vigilante, lúcida e materna compaixão. 

† Carlos Moreira Azevedo
Presidente da Comissão Episcopal
da Pastoral Social

A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA E A CRISE

Crise! Que é a crise?

O conceito não é unívoco. Pode ter mais que um significado. Tanto pode referir-se a oportunidades e a passagem para estádios superiores (crise de crescimento, de adolescência) como dizer respeito a aspectos negativos. É neste sentido que, habitualmente, se fala da actual situação económica e social portuguesa.

De forma grosseira, pode ser simbolizada na balança de braços: por qualquer motivo, os pratos que estavam em equilíbrio deixam de o estar e um afunda-se enquanto o outro sobe. Porquê? Ou porque a estabilidade era mantida artificialmente ou porque um novo factor veio desestabilizar tudo.

De seguida, deixo uma reflexão incipiente sobre isso. Fixo-me em umas poucas notas com o único objectivo de favorecer a reflexão. Obviamente, situar-me-ei numa dimensão humanista, já que esta, na mente da Igreja, constitui a solução do problema.

1. Voltemos à imagem da balança. Da mesma forma que se um prato sobe o outro desce, também se milhões e milhões de pessoas perdem, alguém ganha. E de facto, essa perda é canalizada para uns poucos,

que lucram imenso. Dotados de mecanismos efficientíssimos (sobreposição dos instrumentos financeiros às economias reais, agências de rating manipuladoras, transferências de capitais, especulação bolsista, etc.), uma reduzida minoria impõe regras a que nem sequer os governos conseguem subtrair-se. E regras ... desumanas. A roçar a extorsão ... «legalizada».

É o pecado estrutural, essa soma de pecados pessoais que interagem uns com os outros e se potenciam enormemente. E sobre os quais é difícil intervir. É como no caso do maquinista do comboio: orientar nesta ou naquela direcção não depende dele, mas da disposição exterior das agulhas.

2. Por isso, tem razão a Igreja quando refere: a saída da crise não depende apenas de soluções técnicas, mas de um enquadramento global ou de uma nova síntese humanista. Depende da conversão pessoal e colectiva. O problema é, de facto, moral. São os valores que estão em jogo. É preciso saber se o nosso mundo ainda dá crédito a noções tais como justiça, responsabilidade social, bem comum, lealdade, transparência, dignidade, fraternidade, etc. Sem mudança de conceitos,

sem mudança cultural, não sairemos da crise. E sem moral não existe verdadeira mudança cultural.

3. A modernidade fraccionou os saberes. Atomizou-os. Desintegrou a realidade em partículas infinitamente pequenas. E muitos aspectos sectoriais das ciências, inegavelmente, progrediram. Mas conhecer as partículas não é a mesma coisa que abarcar a realidade. Até pode ser desfazê-la. Por isso, hoje exige-se “*uma inter-disciplinaridade harmónica, feita de unidade e distinção*” (Encíclica *Caridade na verdade*, 31). Ciência, metafísica, ética, teologia e fé, no respeito da especificidade de cada uma, devem conjugar-se para encontrar aquela unidade que constitui o humano integral. Mas alguns recusam-na. Porque será? E a crise alastra ...

Na conhecida expressão de Ortega, a pessoa é ela e as suas circunstâncias. Eu diria: é ela e as suas instituições. Pois bem, algumas delas não estão a cumprir o que deviam. A que mais falha parece ser a ONU. Como referia, há tempos, o Card. Maradiaga, a ONU parece ter desistido da sua função de motor de humanização do nosso mundo para se ocupar com a difusão do preservativo e do aborto, dos direitos dos gays e da ideologia do género. A ONU está, de facto, em crise profunda. Ou se reformula ou ... não sei. Mas algo de semelhante também se pode dizer da União Europeia.

Parece que os Estados mais fortes estão a impor as suas visões (e os

seus interesses?) aos mais débeis. Certos «eixos» apontam para aí. A EU não poderia ter feito mais pela Grécia, Irlanda e Portugal do que aplicar as eufemisticamente designadas «regras do mercado»? A Europa não necessitará de um «suplemento de alma» que a torne diferente, porque humanista? O cristianismo não poderá contribuir para isso?


5. Quase sempre, as instituições fundamentam-se numa dada ideologia. Parece que a ideologia que sustenta grande parte delas é o neo-liberalismo económico. Assim, faz-se do capitalista o «sacerdote do progresso», como se dizia no século XIX, e o benfeitor da humanidade. Mas essa ideologia, enquanto materialismo intra-mundano, que desconhece outra dimensão de vida que não seja o lucro, a adoração do velho deus Mammon, não pode ser aceite pelos cristãos: é contrária à verdade integral da pessoa humana e ao desígnio de Deus na história. Por isso, economia absolutamente liberal, não, não e não!

6. Entre nós, esse liberalismo imposto pela *troika* e, pelos vistos, bem aceite pela maioria das pessoas que frequentaram as Faculdades de Economia, tem, no mínimo, de ser mitigado pelo bom senso. É lógico e urgente que se racionalizem as despesas e os desperdícios. Mas que jamais falte a alguém os bens de quatro sectores fundamentais: saúde, educação, justiça e segurança. Bens que, em muitos casos, segundo o princípio de subsi-

diariedade, podem ter origem na iniciativa privada, apoiada pelo Estado. E, especialmente, que ninguém passe fome ou deixe de poder comprar os medicamentos indispensáveis. Isso não constituiria somente a vergonha da Segurança Social: seria a vergonha ... nacional.

7. Mas também não fiquemos no pessimismo e no fatalismo. É possível a mudança! É possível uma outra cultura e uma outra mentalidade. A crise pode ser uma oportunidade. Para isso, é indispensável o contributo dos cristãos. Como? Difundindo um novo humanismo. Um humanismo integral, para o qual a economia é apenas um sector, em-

bora importante. Mas não é tudo. Como escreve Bento XVI, *“somente se pensarmos que somos chamados, enquanto indivíduos e comunidade, a fazer parte da família de Deus como seus filhos, é que seremos capazes de produzir um novo pensamento e desenvolver novas energias ao serviço de um verdadeiro humanismo integral. Por isso, a maior força ao serviço do desenvolvimento é um humanismo cristão”* (CV 78).

Eu também assim penso. Piamente. 

D. Manuel Linda
Bispo Auxiliar de Braga
“In “Agência Ecclesia”

– Há uma grande diferença entre o dar e o oferecer.

– Quando damos, estendemos a mão, mas quando oferecemos... é o nosso coração que entregamos junto, é um pedacinho de nós que vai caminhando na direcção do outro e o bem que ele provoca retorna ao nosso interior.

– Tornamos pessoas felizes quando damos de nós mesmos. E damos de nós quando oferecemos, o que quer que seja, de coração escancarado.

A CLASSE MÉDIA


E cada vez mais se vão vendo e ouvindo notícias, debates, declarações, sentenças avulsas, sobre uma crise que desaba sobre todos, e onde todos parecem querer fugir na hora de assumir gestos concretos para a solução. Os verdadeiramente pobres já não sabem que dizer e fazer. Os chamados ricos não sentem alteração apreciável. Tal como está a *impatrialidade* do dinheiro, facilmente se arranja um colchão anónimo em qualquer recanto do planeta e aí se faz descansar em paz os milhões, escapando ao mais rigoroso sistema fiscalizante. Assim ignoram a crise dos outros aquietando a consciência com doações ou fundações que pouco remendam os andrajos ou saram as feridas. A crise, mais cedo ou mais tarde, vai passar e tudo continuará como dantes.

O novo discurso parece centrar-se agora naquilo a que se chama a classe média. No presente contexto não se sabe bem o que seja, mas deve tratar-se de novos pobres que já foram quase ricos e se sentiram ludibriados pela publicidade, pelos empréstimos, pelos juros, pelas promessas, pela ascensão social que deu carro de luxo, muitos topos de gama, vivenda, piscina, decorador, alfaiate, segundo carro, segunda casa e uma infinidade de quinquí-

lharias de marca que nada têm a ver com saúde, cultura, qualidade de vida ou dignidade. Foi uma espécie de volúpia do pequeno e grande luxo, o culto do supérfluo, o estatuto social como alvo primordial da vida. Tudo isso, mais que um enfraquecimento económico, foi debilidade de alma com dependência viciosa da banalidade, mau gosto, futilidade de vida e perda de valores humanos e patrimoniais.

É essa classe média que está ameaçada?

Há muito ferro velho ou plástico ou plasma que é preciso deitar fora. E se a crise ajudar a essa depuração num regresso ao essencial, acaba por ser benéfica.

Porventura pouco interessa que tudo passe para voltarmos ao mesmo. Todas as classes precisam fazer uma reflexão mais que económica. Como dizia Bento XVI no voo de Roma para Madrid ‘a economia não pode funcionar apenas com uma auto-regulação mercantil mas tem necessidade de uma razão ética para servir o homem.’ O pão de cada dia é sagrado em qualquer mesa. É mais que um objecto, é imagem do próprio coração do homem. 

In “Agência Ecclesia”

XXVII ENCONTRO DA PASTORAL SOCIAL

Desenvolvimento Solidário e Sustentável

Fátima 14 de Setembro de 2011

1 – Desenvolvimento

O desenvolvimento é sempre possível e necessário, enquanto desejo inalienável do ser humano. É possível porque o homem na sua ânsia do além e na busca incessante de razões que justifiquem a sua própria existência, investiga e crê, afincadamente nas suas finitas capacidades. É necessário, quando se enquadre na busca saudável da realização efectiva do homem em todos os seus aspectos, físico e espiritual, nomeadamente.

Mas o desenvolvimento saudável tem que ter em conta as próprias capacidades do homem, as condições efectivas das organizações e as respostas possíveis às necessidades, nos mais diversos domínios.

Assim, o desenvolvimento para ser escoreito, efectivamente profícuo e verdadeiramente sustentável, tem que ter em conta a estrutura basilar e fundacional da sociedade: **a família, a escola e a componente social.**

A família tem que educar para os valores e para a responsabilidade cívica e solidária, sem o que o desenvolvimento não é consistente; a escola tem que ensinar, numa perspectiva cultural, ética, na qual assentem os valores fundamentais da cidadania e da responsabilidade profissional: os profes-

sores têm que ser avaliados, nos currículos do saber e do empenhamento solidário e os alunos têm que aprender, na autoridade e no respeito, sem o que o ensino se desvalorize progressivamente; a componente social tem que actuar desde a escola, em cuja área o professor na sua relação com o aluno, detectando anomalias de ordem funcional, as encaminhe para a autoridade social da zona e esta no seu relacionamento com a família, perspectiva meios de adequação e/ou tratamento harmonioso, em vista da evolução efectiva da pessoa.

Sem estes 3 sectores a funcionar articuladamente, tudo o resto se debaterá com dificuldades acrescidas, pois as organizações empenhar-se-ão sem resultados visíveis, as respostas serão vãs e quase sempre desadequadas e a sua eficácia esbarra em barreiras difíceis de ultrapassar, onde os conceitos individuais e o egoísmo irresponsável de alguns, tornam intransponíveis.

Mas o desenvolvimento é possível e far-se-á sempre, à custa de boas vontades é certo, mas também à custa de valores que a tudo se sobrepõem, quando valores mais altos se vislumbrem. Assim o pensou e definiu o grande Papa Paulo VI, quando afirmou: “O novo nome da Paz, chama-se desenvolvimento.”

2 – Solidariedade

Sem solidariedade autêntica não haverá respostas capazes e muito menos não haverá eficácia nas respostas. A solidariedade é um valor efectivo que assenta na disponibilidade e na vontade pessoal de cada homem e que ganha contornos apaixonantes quando este se dispõe na entreatura e na promoção do seu semelhante, assente em meios verdadeiros e credíveis, tornando assim autêntico o desenvolvimento humano, primeiro que o anterior.

Desta feita, havendo solidariedade, haverá sinergias disponíveis e vontades declaradas, logo compromisso efectivo com os projectos declarados e consistentes.

Mas esta disposição para a solidariedade só atingirá os seus objectivos e dará os seus frutos, se os meios assentarem na autenticidade e na verdade, através de uma coordenação que comprometa, que promova e que acredite os meios e as estruturas disponíveis, na pluralidade dos seus carismas e na riqueza das diferentes concepções filosófico-religiosas.

Obviamente, para nós cristãos, o “vem e segue-me” ou “o que fizerdes a um dos mais pequeninos...” tem o valor transcendental, que ultrapassa a mera concepção metafísica e existencial.

3 – Sustentabilidade


A sustentabilidade só é possível através de uma responsabilidade comprometida, através da qual o aproveita-

mento dos recursos existentes, terá resultados e dimensão promocional, quando o esclarecimento e a motivação para as razões, forem claras e autênticas.

O exemplo vem sempre de cima e as classes dominantes de agora (a política e os que não fazem nada), não encorajam a predisposição para a sustentabilidade, que para nós assenta na partilha e na generosa oferta da vida partilhada.

A sustentabilidade só tem razão e expressão real, quando assentar em objectivos que o homem acredite; quando esses objectivos se espelharem em quem os projecta e difunde e quando as estruturas oficiais estiverem de facto ao serviço desses objectivos, o que quer dizer, ao serviço do bem comum, o mesmo é dizer ao serviço do desenvolvimento do País, ao serviço da solidariedade nacional e ao serviço da sustentabilidade, que assenta nos recursos efectivamente existentes e não no que não existe e não é possível alcançar.

A Sociedade de São Vicente de Paulo procura fazer diferente. Diferente porque tem um carisma próprio que a responsabiliza e motiva; diferente porque crê no homem como imagem e semelhança do Criador; diferente porque vê em cada homem um irmão e com ele quer fazer uma caminhada, rumo a algo que não se coaduna com este “Vale de Lágrimas”.

Os Vicentinos em Portugal têm experiências de promoção e desenvolvimento humano que podem partilhar a todo o momento. 

NOTÍCIA

No dia 28 de Setembro de 2011, o Conselho Nacional recebeu, na sua sede, uma delegação do Conselho Nacional de São Tomé e Príncipe, constituída por:

- Presidente: Helena Costa Neto
- Secretária: Maria Madre de Deus
- Tesoureira: Maria Piedade Daio

Em conversa informal trocámos informações sobre a SSVP em Portugal e em São Tomé e Príncipe.

Deram-nos conta das dificuldades que se vivem naquele país e das faltas de apoio de todos os organismos oficiais. O único apoio que têm, e é muito reduzido, é o da Igreja local que também vive com muitas dificuldades.

Têm vários projectos que, por falta de apoios, nunca conseguem concretizar. Gostariam de construir uma sala para acolher os inúmeros jovens que vagueiam pela rua durante o dia. Os pais vão trabalhar e, como a maioria não frequenta a



escola, vive durante o dia na rua e à noite vão dormir a casa. Essa sala seria para os reunir, transmitir-lhes alguns valores e incentivá-los a frequentar a escola.

Todas as necessidades que nos transmitiram são tão básicas que nos levam a reflectir. Uns com tanto e a grande maioria sem nada. Não há dúvida que a grande crise da humanidade é uma crise de valores, os grandes senhores preocupam-se essencialmente com o lucro, mas não para ser distribuído com justiça e igualdade, mas sim para se aproveitarem dele em benefício próprio.

É nossa obrigação denunciar bem alto estas desigualdades e esta apropriação dos bens só por alguns.

Quem ler esta notícia e puder ajudar os vicentinos de São Tomé, eles ficarão imensamente gratos. 🌊



António Correia Saraiva

Presidente do Conselho Nacional

O “NOSSO” BOLETIM REQUER MAIS COLABORAÇÃO

Há muito que se vem tocando na tecla da colaboração dos vicentinos, em relação ao Boletim, para um maior enriquecimento do seu conteúdo, com noticiário do que se vai passando a nível de Conselhos Centrais, Conselhos de Zona e Conferências.

Poucas são as notícias que nos vão chegando e, quase sempre, das mesmas origens.

Quanto à grande maioria, lamentamos dizê-lo, parece que não existem.

Dizem adágios populares que “quem está vivo sempre aparece” ou ainda “quem não aparece, esconde”.

Creio que a SSVP em Portugal ainda está viva e essa vivência tem de ser transmitida, muito especialmente através do Boletim Português, como órgão principal de ligação interna e, mesmo, para informação externa do trabalho que vai sendo realizado.


Perante a fase delicada que o nosso país atravessa e de que tanto se fala e se sente, no aumento assustador de pessoas e famílias em situações críticas de pobreza e até mesmo de miséria, seria muito bom e até estimulante que fosse dado a conhecer o que os vicentinos estão a fazer no

sentido de minorar os problemas existentes.

Muitos são os diversos organismos de acção social que vão dando a conhecer o trabalho que estão a desenvolver, atraindo para a sua acção, não só pessoas como bens materiais.

Os vicentinos portugueses, para além de outros meios de comunicação que podem ser utilizados, nomeadamente a imprensa regional, têm o privilégio de possuírem um meio próprio de divulgar a sua acção.

Interrogo-me porque não o utilizam para mostrar o que, certamente, vêm realizando, nas áreas das suas dioceses, em verdadeiro espírito comunitário, apontando êxitos e dificuldades, tudo no sentido de estímulo e exemplo a ser aproveitado por todos e não no âmbito de propagandear o que se faz.

Com mais este apelo e, como a esperança nunca me abandonou, espero “não estar a pregar no deserto”, que desta vez as minhas palavras tenham o eco que considero do interesse geral, até como continuidade do Encontro da Pastoral Social que teve lugar em Fátima sob o tema “Desenvolvimento Local, Caridade Global”. 



A LAGARTA E A SEDA

Deus, que povoou a natureza com seres e panoramas maravilhosos, quis deixar de certo modo inconclusa a obra da Criação, à espera do concurso das criaturas racionais para requintar-lhe a beleza

Narra uma antiquíssima lenda que, por volta do ano de 2.650 antes de Cristo, a Imperatriz da China, Hsi Ling Shi, tomava chá à sombra de uma frondosa amoreira quando desta se desprende um pequeno casulo dourado. Levado pela brisa, veio ele cair exactamente no meio do prezado líquido, sobressaltando a imperatriz e perturbando o ambiente meditativo no qual ela se encontrava.

Passado o susto, quis tirar da xícara de porcelana o inesperado invasor. E, ao fazê-lo, admirou-se ao notar como o casulo desmanchava entre

seus dedos, deixando pairar no tépido chá uma brilhante madeixa de filamentos.

Com delicadeza e paciência, a imperatriz foi desenovelando-a, e obteve como resultado um longuíssimo fio de textura suave e resistente. Teve então uma ideia: reunir vários desses casulos para compor com eles um tecido.

Ajudada por engenhosos servos, foi fazendo tentativas e mais tentativas até conseguir, certo dia, tecer com aquelas fibras um manto para seu esposo, Hwang-Di, o Imperador Amarelo, um dos lendários “Cinco

Imperadores” da China, soberanos sábios e moralmente perfeitos.

Foi assim inventada a seda!

Mais próxima do mitológico que da realidade histórica, essa legenda ressalta, entretanto, os atributos de nobreza, charme e distinção aos quais sempre esteve associado esse cobiçado tecido. E sublinha de forma poética o facto de terem sido os chineses os primeiros – e por muitos séculos, os únicos – a produzi-lo e comercializá-lo.


Com efeito, a tecelagem da seda foi durante milhares de anos um dos segredos mais bem guardados da História. Seria apenas no terceiro século da Era Cristã que a Índia conseguiria desvendar os mistérios da sericultura, privando os chineses da exclusividade de fabricação.

No Ocidente, os comerciantes importavam avidamente da China aquele tecido lustroso e macio sem, entretanto, ter qualquer noção de como ele era produzido. Mas na época do imperador Justiniano I (527-565), as relações entre Bizâncio e a Pérsia, cada vez mais tensas, dificultaram a chegada de mercadorias do Oriente interrompendo a famosa Rota da Seda.

Conta-se que, então, o soberano

decidiu enviar espões ao Extremo Oriente para desvendar o arcano da sua fabricação. E estes, após inúmeras peripécias, conseguiram cumprir o delicado encargo, trazendo até Constantinopla alguns ovos do bicho-da-seda, acomodados em gomos de bambu para poderem resistir à longa e aventureira viagem.

Qual terá sido a reacção da refinada corte bizantina ao contemplar aquelas banais larvas que davam origem a um dos mais belos e nobres tecidos? Podemos imaginar os artistas e cortesãos, tomados pela surpresa, manifestando ruidosamente seu desapontamento.

Mas é igualmente legítimo supor que a esse primeiro movimento de desencanto tenha sucedido um ímpeto de admiração, ao constatarem como Deus, que povoou a natureza com seres e panoramas maravilhosos, quis ocultar a seda no rústico casulo de uma lagarta, ou a púrpura na prosaica mucosa de certos caramujos marinhos. Assim, dir-se-ia ter Ele deixado de certo modo inconclusa a obra da Criação, à espera do concurso das criaturas racionais para, por meio delas, requintar-lhe a beleza. 

In “Arautos do Evangelho”

Conselho Central do Porto

Zona Pastoral Norte

II Encontro Vicentino da Zona Pastoral Norte

No passado dia 16 de Julho, as Conferências da Zona Pastoral Norte da Diocese fizeram o seu II Encontro. Paços de Ferreira teve o privilégio de ser o local escolhido para acolher cerca de 80 pessoas.

Estiveram presentes vicentinos dos 5 Conselhos de Zona, a saber: Vila do Conde, Santo Tirso, Trofa, Louzada e Paços de Ferreira. Do Conselho Central tivemos a presença, sempre bem-vinda, de Carvas Guedes, Presidente, Luís Roque, ex-Presidente e hoje devotado à cau-

Casa Diocesana de Vilar na Semana da Solidariedade e dos Povos. Esteve também connosco, embora por pouco tempo devido à sobrecarga da agenda, o Conselheiro Espiritual do Conselho de Zona de Paços de Ferreira, Padre António Martins, que nos dirigiu algumas palavras de ânimo e de entusiasmo no cumprimento da nobre missão a que fomos chamados.

A tarde esteve serena, de temperatura agradável, o que convidava ao convívio e à troca de ideias. Um dos momentos fortes foi exactamente a reflexão e debate do tema escolhido para este encontro sobre a homilia da primeira Eucaristia de Bento XVI, em Portugal, na Praça do Comércio, em Lisboa, junto ao Rio Tejo. Então, Carvas Guedes, com a sua brilhante capacidade de comunicação, apresentou e explorou oito pontos dessa homilia que deram origem a uma entusiástica partilha de opiniões. Alguns desses pontos diziam: "...glória de Portugal, por ter espalhado a fé nos quatro cantos do mundo; ...a fé dos portugueses na certeza da presença de Cristo e suas odisseias...; ...Lisboa, porto seguro, pedra angular e terra de mártires, de santos e de missionários...; Ide fazer discípulos de todas as nações, ensina-lhes a cumprir tudo quanto



sa da Casa Ozanam, e ainda Afonso Guerra, Tesoureiro. Quanto ao Vice-Presidente para a Zona Pastoral Norte, José Augusto Gomes, temos a registar o empenho demonstrado na organização deste encontro e a feliz ideia de fazer uma exposição dos cartazes e documentos demonstrativos das actividades das Conferências, que estiveram expostos na

vos mandei...; e ...Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos”, diz-nos o Senhor em M. 28,20. Concluímos, então, que de certo modo, nós os Portugueses, tentamos aceitar este desafio de Jesus, na missão e dilatação da fé que começou no tempo dos descobrimentos. E passo a citar também algumas palavras do Santo Padre “glorioso é o lugar conquistado por Portugal entre as nações pelo serviço prestado à dilatação da fé; nas cinco partes do mundo, há locais que tiveram origem na missão portuguesa.” E acreditando pela fé que Cristo está sempre connosco, as nossas forças sentir-se-ão renovadas e reforçadas com o cumprimento da missão a que nós vicentinos fomos chamados, atentos a cada irmão fragilizado pelos contratempos e agruras da vida. E sabendo nós que aumenta todos os dias o número de necessitados de toda a ordem estejamos atentos e tentemos mudar esta sociedade cada vez mais injusta e materialista,

onde os fracos parece que não cabem. E sentimos todos a necessidade de criação de uma Conferência em cada paróquia, para podermos seguir a máxima do saudoso Pai Américo: “Que cada paróquia cuide dos seus pobres...”.



A reflexão desta tarde terminou com uma bela e longa mensagem que nos convidava a fazer irmãos.

Naturalmente não poderíamos despedir-nos, apesar do adiantado da hora, sem convivermos à mesa, saboreando um agradável lanche partilhado por todos os presentes. 🌐

In “Escalada”

A primeira via é a humildade, a segunda é a humildade, a terceira é a humildade, e quantas vezes me perguntares, tantas eu te responderei a mesma coisa.

Santo Agostinho, EP. 118,3,22